

IMPLEMENTANDO A INOVAÇÃO DE RUPTURA COM O ENSINO HÍBRIDO: UM ESTUDO DE CASO

CURITIBA/PR MAIO/2017

ALESSANDRA DE PAULA - CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER - alessandra.p@uninter.com

CRISTIANE RIPKA - CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER - cristiane.ri@uninter.com

RICARDO ALEXANDRE ZANARDINI - CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER - ricardo.z@uninter.com

ACHILES BATISTA FERREIRA JUNIOR - CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER - achiles.f@uninter.com

ELTON IVAN SCHNEIDER - CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER - elton.s@uninter.com

IVONETE FERREIRA HAIDUKE - FACEL - ivonetehaiduke@ig.com.br

NELSON PEREIRA CASTANHEIRA - CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER - nelson.c@uninter.com

Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)

Natureza: RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA

Categoria: PESQUISA E AVALIAÇÃO

Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

As mudanças ocorridas no mercado de trabalho, que trouxeram novas demandas ao setor de produção de bens e serviços, bem como as necessidades pessoais dos alunos, em relação à formação e qualificação profissional determinaram mudanças nos modos de fazer educação, principalmente a distância. A EaD, na modalidade de ensino híbrido, é o tema deste estudo de caso, com uma abordagem quali-quantitativa, com a pesquisa realizada em duas etapas, sendo a primeira, a utilização da técnica dos grupos focais, com 15 alunos, ocasião em que foram identificadas as 10 variáveis que permitiram a realização da segunda etapa, ou seja, a pesquisa quantitativa junto a quatro cursos superiores de Tecnologia, de uma IES em Curitiba. Neste artigo, faz-se a análise das variáveis que contribuíram para que os acadêmicos apontassem, aquelas que mais influenciaram na escolha da modalidade de ensino híbrido. Conclui-se que o fato de haver aulas presenciais apenas duas vezes por semana, com encontros também presenciais mediados por um professor, assim como as mensalidades com um custo menor, contribuíram positivamente no momento da escolha da modalidade de ensino.

Palavras-chave: Inovação. Ruptura. Ensino Híbrido.

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios que se apresentou aos educadores, em todos os níveis de ensino, a partir do início do século XXI, foi constituído pelas dúvidas em relação ao desenvolvimento do processo educacional, considerando-se que se deve contemplar a educação do indivíduo desde os anos iniciais de contato da criança com a escola. Esse processo deve desenvolver-se de maneira a proporcionar aos indivíduos uma plena adaptação ao modelo econômico que aí está (CHRISTENSEN et al., 2009; OLIVEIRA e LOURES OLIVEIRA, 2008), oferecendo-lhe ferramentas, inclusive, para implementar mudanças.

Considerando-se essa afirmação, uma IES em Curitiba optou por implantar a modalidade semipresencial em seus cursos anteriormente oferecidos somente a distância.

Essa decisão deveu-se à observação das demandas do mercado, com suas exigências por qualificação profissional cada vez mais aprimorada, com vistas à melhoria da qualidade dos serviços e dos produtos oferecidos.

A modalidade de ensino híbrido ou semipresencial, nos moldes oferecidos, constitui-se como uma inovação e ruptura com os serviços educacionais anteriormente prestados (CHRISTENSEN et al., 2009) e, para verificar se a mudança realmente correspondeu às expectativas da IES, fez-se uma pesquisa junto a 15 acadêmicos dos cursos Superiores de Tecnologia, constituído como grupo focal, cuja análise e resultados deram origem a uma segunda pesquisa, com acadêmicos dos cursos Superiores de Tecnologia em Logística, Recursos Humanos, Marketing e Gestão Comercial, que é o objeto deste estudo de caso, com abordagem qualiquantitativa.

Como fundamentação teórica, optou-se pelo estudo da evolução paradigmática (BEHRENS, 2005), caracterizando-se a inovação educacional e a ruptura como paradigmas emergentes na prática educacional destas décadas iniciais do século XXI, com a contribuição de Christensen et al. (2009).

1 PARADIGMAS EDUCACIONAIS EM DISCUSSÃO, A EAD E O ROMPIMENTO COM PARADIGMAS ESTABELECIDOS

O processo de mudança, além de garantir-lhes conhecimento e manutenção de sua identidade e de suas raízes culturais permite, aos indivíduos, a reconstrução de seu passado histórico (OLIVEIRA; LOURES OLIVEIRA, 2008), para melhor entender e adaptar-se a novas situações, pessoais ou profissionais.

Uma mudança paradigmática se fazia necessária, neste novo século, uma vez que o modelo anterior, representado pelo paradigma newtoniano-cartesiano que consistia, conforme Behrens (2005), na fragmentação do conhecimento em tantas partes quantas fossem necessárias para garantir maior eficiência e maior eficácia, já começava a apresentar-se insuficiente, devido ao seu aspecto reducionista, com a racionalidade sobrepondo-se às questões materiais.

Nesse modelo, a experiência do aluno não é considerada como relevante para o processo de aprendizagem, o que implica o não oferecimento de atividades que permitam o exercício da criatividade e da construção colaborativa, pois enfatiza-se apenas a reprodução do conhecimento, historicamente acumulado e considerado como o único verdadeiro. A Educação a Distância, desde seu surgimento, apresenta-se como um modelo inovador e, segundo Barros (2003), o início de sua utilização remonta ao século XVIII, quando uma instituição de Boston, nos Estados Unidos, oferece um curso por correspondência. A EaD evolui, passando por vários outros estágios, até à criação da UNED (Universidade Nacional de Educação a Distância), na Espanha, em 1972. Conforme Barros (2003) e Litwin (2001), constituiu-se numa grande atração para estudantes de graduação e pós-graduação do mundo inteiro, o que levou à implementação, em vários países da América Latina, de diversos programas de Educação a Distância, com o modelo da British Open University.

Nunes (1992) nos chama a atenção para o fato de que a história da EaD, no Brasil, sempre esteve ligada à formação profissional, com o objetivo de capacitar os trabalhadores para o exercício de atividades e domínio de habilidades ligadas às demandas do mercado e, em relação a esse aspecto, de acordo com Alves (2007), a chegada do computador trouxe grandes avanços.

Observa-se, em toda a trajetória da EaD, que ela vem sofrendo transformações e, aos poucos, vê-se diminuído o estigma de ensino de baixa qualidade, uma vez que o avanço das NTICs (Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação) e a utilização de novos aplicativos e redes sociais possibilita que o ensino e a aprendizagem aconteçam em novas bases, com o surgimento de um novo paradigma – o da inovação na sala de aula, com a utilização das redes sociais e a implantação do ensino semipresencial, ou ensino híbrido.

Essa implantação decorre de estudos que apontam para inovação na sala de aula e para a ruptura com padrões de ensino até então estabelecidos. E ainda, de acordo com Northey, Bucic, Chylinski, & Govind (2015), é possível usar a teoria construtivista centrada no aluno para que uma combinação de interações e de autoestudo facilitem a

educação em uma instituição de ensino.

2 AS NTICS E O PARADIGMA DA INOVAÇÃO EM SALA DE AULA

A EaD vem sendo alvo de estudos, ao longo dos anos, no sentido de se buscar um conceito adequado a essa modalidade de ensino, uma vez que a mesma vem incorporando novas ferramentas e estratégias pedagógicas, como também tecnológicas, no decorrer da sua história, com a intenção de facilitar o acesso e aquisição do conhecimento.

A concepção da Unesco (2010, p. 1) nos apresenta a educação a distância como uma educação sem fronteiras, como “um ambiente de ensino aberto, flexível, adaptado às diversas necessidades de aprendizagem e facilmente acessível para todos, em distintas situações”.

O que se tem presente, no que se refere à EaD, é a busca contínua de superação dos obstáculos ligados às questões do tempo, espaço, idade e circunstâncias para a aprendizagem. Dessa maneira o foco na organização curricular dos cursos em EaD deve ser voltado mais para as necessidades educacionais dos alunos do que na tecnologia a ser utilizada e, conforme Alava (citado por GONÇALVES e ARRUDA, 2005, p. 186), deve apoiar-se “na construção de um modelo global dos processos de ensino, integrando essas tecnologias no centro da dinâmica de ação”. Conforme Christensen et al. (2009) a implantação da inovação em sala de aula é fundamental para garantir a aproximação do aluno com o objeto de estudo, situando-o em seu tempo e com uma aprendizagem voltada as suas necessidades específicas, ou seja, qualificar-se para tornar-se apto e competente a adentrar o mundo do trabalho.

Inovação, porém, pode significar muitas coisas. Garcia (2009, apud CHAPANI et al, 2016) e Teixeira (2010, apud CHAPANI et al, 2016) notaram a diversidade de significados que o termo tem adquirido no contexto educacional, seja no campo acadêmico ou no das políticas públicas, podendo referir-se a mudanças, transformações ou rupturas. Segundo Garcia (2009, apud CHAPANI et al, 2016), de maneira geral, considera-se como “atributos da inovação a intencionalidade, a originalidade, a novidade e a racionalidade”.

A teoria da inovação disruptiva, proposta por Christensen et al. (2009) busca explicar por que as organizações, de maneira geral, são tão resistentes a mudanças. Aponta também os prejuízos que esse comportamento cristalizado em práticas tradicionais trazem, tornando-as pouco atraentes para absorção de colaboradores inovadores e

deficitária em relação às demandas de mercado. Christensen et al. (2009, p. 59) aponta que o segredo para uma reviravolta na organização, está em oferecer um produto ou serviço “de ruptura”, fácil de usar, que quebre a lógica até então existente. O lançamento não precisa conquistar, logo de saída, sucesso retumbante ou grande lucro. O que importa é que ele “fascine o consumidor e, aos poucos, transforme o mercado”. Para que isso seja alcançado em educação, ele propõe que a escola passe pelos mesmos processos de ruptura que uma empresa e, segundo suas palavras, “quase sempre o salto só acontece quando se cria uma nova unidade, capaz de inovar e atrair os consumidores”.

Segundo Demo (2004, apud DEMO, 2010, p. 862) uma das áreas onde mais se fala de “transformação social” é educação. Ele ainda aponta que “é também onde menos se inova. Outra área é a da gestão empresarial, na qual surgiram inúmeras propostas de renovação radical, mesmo mantendo-se a proposta liberal” (id., ib.).

3 A IES E A INOVAÇÃO (OU RUPTURA) NO ENSINO

Após concluir a educação básica, grande parte dos concluintes precisa se inserir no mundo do trabalho e essa mudança no ritmo de vida acaba por dificultar a conquista do diploma em um curso superior. Contraditoriamente, muitas vezes esse diploma torna-se necessário para que novas e melhores oportunidades sejam alcançadas pelo indivíduo. Os estudos em EaD tornam-se, então, uma opção viável, desde que o aluno apresente as características necessárias de independência e autonomia para realizar seus estudos. Por não apresentarem esse perfil que a EaD requer, muitos alunos desistem do curso. O ensino híbrido ou semipresencial se constitui, então, como uma opção válida para estudantes que não frequentam cursos em EaD, ou por não acreditarem totalmente no ensino a distância, ou por sentirem a necessidade de um contato mais próximo com seus professores e colegas. Convém lembrar que o ensino híbrido ou semipresencial, proposto neste artigo, não tem relação com os 20% de carga horária na modalidade EaD que podem ofertados em cursos presenciais - trata-se de uma proposta de cursos na modalidade a distância, operacionalizados com dois dias de atividades pedagógicas, no polo, voltadas para a prática profissional.

Nessa perspectiva, o ensino híbrido, um exemplo de ruptura com o modelo vigente, é desenvolvido com a presença dos acadêmicos, duas vezes por semana, no polo em que se matricularam. Realizam-se, nesses encontros, várias atividades práticas, com o objetivo de aprimorar as competências que o aluno deve desenvolver para se inserir no mercado, num processo de aprendizagem colaborativa ativa, tais como *quizz*, modelagem com uso do BMG (*business model generation*), palestras TED (*technology*

entertainment design), simulador de produção, plano de cargos e salários, produção de maquetes, programas de trainee, seminários e montagem de itens com lego, desenvolvimento de indicadores de desenvolvimento de cargos e produção de vídeos de marketing. Em suma, são utilizadas uma série de metodologias ativas com o objetivo de potencializar a aprendizagem do aluno, com o recurso, inclusive, da sala de aula invertida, pois o aluno estuda e adquire o conhecimento em casa e realiza atividades voltadas para a prática profissional no polo de apoio presencial.

A partir dessas atividades, pretende-se que os acadêmicos possam experienciar a utilização de recursos que os habilitem a gerenciar quaisquer demandas do mercado, relacionando-as com as demandas internas das empresas às quais estejam vinculados executando, com competência, as atividades pertinentes a sua função.

A IES em estudo entende que a inovação não deve ser implantada com o objetivo de redução de custos do serviço, mas para atender os alunos que não procuravam o ensino superior.

Dessa forma, buscou tornar os cursos em questão atrativos o suficiente para que o acadêmico perceba que, mesmo em um curso semipresencial, ele tem acesso a conhecimentos e práticas que lhe serão úteis para o exercício da profissão, uma vez que essas práticas não ficam limitadas aos alunos que frequentam os cursos ofertados na modalidade presencial. Assim, por um lado, o aluno traz suas experiências e demandas do mercado para discutir com seus pares, com a mediação de um professor/tutor e, por outro, ele participa de atividades que remetem à construção colaborativa de novos conhecimentos aplicáveis a situações práticas, levando-o a pensar nas necessidades de seu cotidiano.

O conhecimento procedente da educação, conforme Cordeiro, Pacheco e Souza (2016), atua como propulsor de forma a que o indivíduo possa se desenvolver de forma a exercitar plenamente suas potencialidades e, quanto mais se sente valorizado e dignificado ao trabalhar, o empregado não somente se compromete, mas melhora o grau de satisfação em relação a seu trabalho, reduzindo o estresse ocupacional, com a conseqüente melhora de sua qualidade de vida.

Considera-se que a utilização das tecnologias utilizadas em EaD, aliada às tecnologias aplicadas e desenvolvidas nos encontros presenciais, faz com que haja um maior aprofundamento do conteúdo estudado a distância e contribui para que o aluno perceba o ritmo da própria aprendizagem.

4. Metodologia e discussão de resultados

Foi realizada uma pesquisa junto aos acadêmicos dos cursos Superiores de Tecnologia em Logística, Recursos humanos, Marketing e Gestão comercial do ensino semipresencial (híbrido), em uma IES, de Curitiba.

Optou-se pelo método de estudo de caso para a investigação uma vez que, segundo Yin (2010, p.19), “é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

A técnica escolhida para a realização do estudo foi, na primeira etapa, a do grupo focal, com 15 alunos e, na segunda etapa, a pesquisa quantitativa, junto aos acadêmicos dos quatro cursos, com as variáveis identificadas junto ao grupo focal. A técnica dos grupos focais é classificada como qualitativa e é definida por Morgan (1997, citado por GONDIM, 2003), como uma técnica de pesquisa em que são coletados dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Além disso, essa técnica pode ser caracterizada, segundo Veiga e Gondim (2001), como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais dos grupos humanos. Na primeira etapa do processo, um grupo de 15 alunos foi convidado a discutir, em conjunto com a equipe de pesquisadores, suas motivações para cursarem um curso híbrido ou semipresencial, de onde foram extraídas um conjunto de 10 variáveis a serem testadas na etapa quantitativa, com a totalidade de alunos dos cursos superiores de tecnologia em Logística, Marketing, Recursos Humanos e Gestão Comercial.

A coleta de dados da etapa quantitativa, para identificar os fatores que contribuíram para a escolha dos cursos Superiores de Tecnologia em Recursos Humanos, Marketing e Gestão Comercial, na modalidade semipresencial, foi feita com 116 acadêmicos, que constituíram a população para este momento de estudo. As idades dos participantes variam de 18 a 60 anos.

Os resultados da pesquisa encontram-se registrados no gráfico abaixo, onde pode-se perceber que o fato de existir aulas presenciais duas vezes por semana (75 respostas) é um aspecto motivador para a escolha do curso, seguido do valor da mensalidade (55 respostas) e da presença do professor nos encontros presenciais (51 respostas).



Fonte: arquivos dos autores, 2017

Percebe-se então que a implementação dessa inovação em sala de aula, bem como a ruptura com o modelo de EaD até então praticado pela IES, sinalizam de maneira positiva e vão ao encontro das expectativas dos alunos que buscam um curso superior, mas, impossibilitados de frequentar o ensino na modalidade presencial e não possuindo o perfil para estudo a distância, encontram no semipresencial uma modalidade que atende suas necessidades de estudo e busca por uma melhor qualificação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inovação em sala de aula, a ruptura com antigos padrões de organização dos currículos e turmas, bem como a cristalização de práticas pedagógicas que se encontram em desacordo com as exigências de formação pessoal e profissional para este século constituem-se em um campo educacional novo que merece ser melhor explorado pelas IES, conforme aponta o presente estudo. A pesquisa realizada aponta que o perfil do aluno trabalhador, que procura a Educação a Distância como forma de ter acesso a conhecimentos que lhe permitam maior sucesso no mundo do trabalho, tem se modificado a ponto de, hoje, ele buscar o ensino semipresencial para garantir uma aprendizagem diferenciada.

Os resultados da pesquisa realizada apontam que a IES em questão acertou ao implantar, de maneira ousada e desafiadora, esse novo modelo de cursos em sua grade, o que confirma a posição que ocupa no mercado, segundo respostas dos próprios alunos na pesquisa. A modelagem de cursos, realizada após uma análise das

observações trazidas pelos próprios alunos, nos encontros presenciais, também se apresenta como uma inovação, principalmente porque grande parte da colaboração partiu dos próprios alunos. No entanto, há que se considerar a presença do professor nos encontros presenciais, apontada por metade dos participantes da pesquisa, como um fator bastante positivo para o ensino híbrido. Isso significa que, para o aluno, ter um professor mediador, em sala, é bastante positivo para a aprendizagem.

Como há um grande contingente, ainda, de alunos que não possuem formação superior, mas que dela necessitam para melhor posicionarem-se no mundo do trabalho, optar pela ruptura com padrões estabelecidos e decidir-se pela inovação, embora decisão sujeita a incertezas, aparenta ser a melhor decisão no que se refere ao oferecimento de um curso de qualidade, que realmente busca desenvolver as competências necessárias para a inserção no mercado de trabalho, como nos mostram os resultados da pesquisa realizada.

REFERÊNCIAS

ALVES, João Roberto Moreira. A História da Educação a Distância no Brasil. Carta Mensal Educacional. **IPEA**. Ano 16, n.º 82, junho de 2007. Disponível em: . Acesso em 07/04/2017.

BARROS, D. M. V. **Educação a Distância e o Universo do Trabalho**. Bauru-SP: EUDSC, 2003.

BEHRENS, Marilda A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

CHAPANI, Daisi Teresinha; SANTOS, Tamiles Batista dos; RIBEIRO, Vinicius Borges. Inovação pedagógica: possibilidades vislumbradas no contexto de um subprojeto de educação em ciências. **Revista de Iniciação à Docência**, v. 1, n. 1, 2016. p.37 . Disponível em: [. Acesso em 27 de maio de 2017.](#)

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; JOHNSON, Curtis W. **Inovação na sala de aula**: como a inovação de ruptura muda a forma de aprender. Porto Alegre: Bookman, 2009.

CORDEIRO, Eliza Regina; PACHECO, Andressa Sasaki Vasques; SOUZA, Irineu Manoel. A importância da Educação a Distância na melhoria da qualidade de vida. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 107-124, Edição Especial. 2013. Disponível

em: . Acesso em 04 de junho de 2017.

DEMO, Pedro. Rupturas urgentes em educação. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 861-872, out./dez. 2010. Disponível em . Acesso em 23 de maio de 2017.

GONÇALVES, Irlen Antonio e ARRUDA, Eucídio. Educação a Distância: uma inovação do fazer pedagógico? **Revista Paideia**. Revista do Curso de Pedagogia da Universidade FUMEC. Ano IV, nº 03, 2005. Disponível em . Acesso em 16 abr 2017.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, 2003,12 (24), pp. 149-161.

LITWIN, E. (org.). **Educação a Distância**: Temas para o debate de uma nova agenda educativa. Fátima Murad (trad.). Porto Alegre: Artmed, 2001.

LOBO NETO, Francisco José da Silveira (org.). **Educação a Distância**: referências e trajetórias. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional; Brasília: Plano, 2001.

NORTHEY, G., BUCIC, T., CHILINSKI, M., & GOVIND, R. (2015). Increasing student engagement using asynchronous learning. **Journal of Marketing Education**. First published online on June 4. doi: 10.1177/0273475315589814

NUNES, I. B. Educação a Distância e o Mundo do Trabalho. Revista Tecnologia Educacional, n.107, p. 73-78, jul. /ago. 1992. In: LOBO NETO, Francisco José da Silveira (org.). **Educação a Distância**: referências e trajetórias. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional; Brasília: Plano, 2001.

OLIVEIRA, Kuciane Monteiro; LOURES OLIVEIRA, Ana Paula de Paula. **Problemáticas de Gestão do Patrimônio e Políticas Públicas**: a educação na perspectiva da mudança paradigmática. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008.

Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos. – Brasília: UNESCO, 2010.

Veiga, L. & Gondim, S.M.G. (2001). A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. **Opinião Pública**. 2(1), 1-15.